



“Não gosto da palavra etiqueta!”

Em época de festas, a especialista em protocolo empresarial escreve sobre a relevância das etiquetas.

Também deve ser esta, aliás, a opinião de muitos ingleses, que, ao menos no tempo em que lá vivi, achavam que a qualidade de uma camisola não se detectava pela etiqueta mas pelo toque. Por isso, nas boas lojas de Londres vendiam-se dois modelos da mesma camisola: um, sem etiqueta à vista, para os fiéis súbditos de Sua Majestade; outro, com a marca bordada no peito, para os deslumbrados turistas do Continente e das Américas.

Mas onde a palavra etiqueta mais me incomoda é quando se usa para designar o conjunto de regras de bem-viver em sociedade, as chamadas boas maneiras. Ai, a palavra parece-me possidônia, soa a falso e remete para tempos e modos que parecem definitivamente ultrapassados. Os dicionários dizem que etiqueta é o conjunto de cerimônias usadas na corte e em sociedade. E corte é coisa que, para o bem e para o mal, há muito não temos.

Há, nessa palavra, um pretensiosismo irritante – que se agrava, aliás, com o uso que frequentemente se faz dela.

E, no entanto, a encantante palavra designa uma boa coisa: uma forma de vivermos em sociedade – em casa, no escritório, na rua, sem choques, engarrafamentos e atropelamentos. Não designa, como muitos gostam de fazer crer, um mecanismo de exclusão. Em rigor, para a etiqueta, nada interessa saber se as meias brancas se podem calçar ou os dois beijinhos se devem dar. A cor das meias e o número de beijos não faz a boa educação de ninguém.

Por isso, não gostando nem um bocadinho da palavra etiqueta, continuo a considerar importante o que ela designa. Importante e necessário. ■

“A boa educação de alguém não se vê na cor das meias que usa”, opina Isabel Amaral

■ Há palavras de que a gente gosta, outras que não aprecia. E isso tem a ver, suposto, com o som, com a grafia ou com o significado dessas palavras. Ou, ainda, como dizem os especialistas na matéria, com a conotação delas. Não sei, por exemplo, se é a minha formação política, algo um tanto conservadora, confesso, que me leva a achar que encarnado designa uma cor e vermelho uma opção ideológica.

Muitas das palavras que não gostamos são porém incontornáveis – no sentido em que têm de ser ditas. Por exemplo: se eu não fosse católica, nunca diria a palavra ventre. Mas, recusando-me a dizê-la, não poderia rezar uma ave-maria.

Se os acasos e, também, as necessidades da vida não me tivessem levado a interessar-me pelas questões da imagem, da comunicação e do protocolo, também não usaria nunca a palavra etiqueta.

Não é que eu não goste de etiquetas, daquelas que nos dão informações sobre

a composição de um tecido ou a forma mais correcta de o lavar ou passar a ferro. Dessas etiquetas eu gosto: são úteis.

Há outras etiquetas de que gosto menos: aquelas que existem nas roupas para informar não sobre a composição do tecido, mas sobre o estatuto do seu proprietário. É no entanto verdade que essas etiquetas (ou marcas, como alguns preferem dizer) não são desprovidas de utilidade: dão-nos boas informações sobre quem as usa e a forma como deve ser tratado.

Tenho, aliás, uma imensa consideração por quantos souberam levar tanta gente a gastar fortunas para, andando com as etiquetas (ou as marcas) à vista, fazer propaganda gratuita a produtos alheios. Diferente opinião teria se essas roupas fossem oferecidas pelos seus criadores para serem usadas como uma espécie de anúncio. E, ainda assim, acho que deveria receber uma comissão sempre que essa roupa, com a marca ou a etiqueta à mostra, fosse usada.